

EUA discutem nova fórmula

Washington O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, convidou ontem os executivos dos maiores bancos do país, para discutir em Washington novas fórmulas de manejo da dívida externa dos países em desenvolvimento, confirmou o Departamento do Tesouro.

Um porta-voz desse departamento disse que Baker se reunirá ontem ainda com vários «dos principais banqueiros de Nova Iorque», e que o propósito do encontro seria «discutir formas de melhorar nossa estratégia internacional frente ao problema da dívida».

A reunião será nas vésperas da viagem de Baker a Seul, Coreia do Sul, para participar da assembleia anual conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, onde o assunto da dívida será a pauta dominante da agenda, e consistiu um novo sinal de que os Estados Unidos se preparam a lançar uma «importante iniciativa» nesse campo, disseram as fontes bancárias.

Na sexta-feira passada, um alto funcionário do Tesouro informou a imprensa sobre os objetivos dos Estados Unidos em Seul, e disse que Washington reconhece a necessidade de fortalecer seu enfoque do problema da dívida, mudando a ênfase das nações devedoras, da austeridade para o crescimento econômico.

ONU

As mesmas palavras foram utilizadas anteontem em Nova Iorque, pelo secretário de Estado, George Shultz, num almoço que ofereceu a vários chanceleres latino-americanos presentes na assembleia geral das Nações Unidas.

«Os cidadãos dos países devedores não podem continuar apertando o cinto indefinidamente, nem os países devedores podem continuar suportando de modo indefinido exportadores de capital», disse Shultz, acrescentando que a solução é «o crescimento econômico». Shultz confirmou também que os Estados Unidos desejam expandir o papel de instituições multilaterais de financiamento, como o Banco Mundial e os bancos regionais de desenvolvimento.

Essas intuições «também desempenham um papel central, mas gos-

tariam de ver sua função ampliada para brindar uma maior contribuição», disse Shultz.

O funcionário de Departamento do Tesouro, que falou a imprensa na sexta-feira, disse que os Estados Unidos, colocando mais ênfase nos chamados «emprestimos de ajuste estrutural», em vez de empréstimos atados a projetos específicos de desenvolvimento.

A abertura norte-americana responde as exigências pleiteadas há tempos pelos países endividados em desenvolvimento, e pelos mesmos bancos comerciais, que consideram mais factíveis a concessão de novos empréstimos quando estes estão protegidos ou garantidos por uma maior participação do Banco Mundial.

Dois exemplos recentes foram a entrega de empréstimos por um bilhão de dólares ao Chile e Colômbia, graças a co-financiamento e garantias do Banco Mundial, sobre parte das quantias comprometidas.

Chile

O chanceler do Chile, Jaime Del Valle, assinalou ontem ante a assembleia-geral que «é urgente empreender uma análise da dívida externa», advertindo que os países em desenvolvimento vêm em pânico a diminuição de suas perspectivas de progresso e estão expostos «a transtornos políticos e conflitos econômicos e sociais de indubitáveis consequências».

Ao intervir no debate político, abordou toda a gama de problemas que o mundo enfrenta e condenou «os atos de terrorismo que nos sufocam com sua profusão de morte e irracionalidade, a invasão soviética do Afeganistão e Camboja pela brutal repressão dos direitos essenciais desses povos».

Del Valle manifestou, ainda, que é «alarmante constatar mais uma vez a falta de progresso em questão de desarmamento e o aumento da corrida armamentista, especialmente a nuclear».

Precisou que «o perigo nuclear, que é sem dúvida o mais grave, e o aumento dos gastos militares, que parecem estender-se por todo o mundo, nos apresentam um sombrio panorama, que contrasta dramaticamente com a pobreza, fome e desesperança sofridas por milhões de seres humanos».

Jornal de Brasília

para dívida